opusdei.org

Carta do Prelado (Novembro 2009)

O ano sacerdotal ajuda-nos a recordar que todos os cristãos têm que aproximar os outros a Jesus Cristo, com a sua própria vida. Este é o tema central da carta pastoral do Prelado do Opus Dei.

06/11/2009

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ao começar o mês de Novembro do Ano sacerdotal, gosto de pensar que está enquadrado por duas festas litúrgicas em que se manifesta o carácter sacerdotal do Povo de Deus: a solenidade de Todos os Santos e a de Cristo Rei. Na primeira, que hoje celebramos, o sacerdócio de Cristo revela-se nos Seus membros. Na segunda, dia 22, sublinha-se que Jesus Cristo, nossa Cabeça, é Sacerdote eterno e Rei do universo [1], que tomará posse do seu Reino e o entregará a Deus Pai, com a Sua vinda gloriosa no final dos tempos [2].

As duas solenidades convidam a reflectir sobre a dignidade da vocação cristã. S. Pedro, na sua primeira epístola, diz o seguinte aos baptizados: vós, porém, sois uma geração escolhida, um sacerdócio real, uma gente santa, um povo adquirido por Deus, para que publiqueis as perfeições d'Aquele que, das trevas, vos chamou à luz admirável. Vós que outrora não éreis

Seu povo, agora sois povo de Deus: vós, que não tínheis alcançado misericórdia, agora alcançastes misericórdia [3]. O Príncipe dos Apóstolos afirma que Deus, ao tornar-nos Seus filhos pela graça do Espírito Santo, nos inseriu no novo Povo de Deus, a Igreja, a que se pertence não pela descendência da carne mas pela incorporação a Jesus Cristo. E graças a tão incrível eleição, gratuita e imerecida – sermos participantes do sacerdócio de Cristo! -, ele convida-nos a anunciar as maravilhas divinas com o exemplo, com a palavra e com as obras.

Admiremos a bondade de Deus Pai e demos-Lhe graças. Não se contentou com enviar o Seu Filho ao mundo para nos salvar, mas quer que a Redenção chegue a todos os homens, até ao fim dos tempos, servindo-se da Igreja, que é Corpo de Cristo e presença salvífica do Senhor no espaço e no tempo. S. Agostinho

afirmava que «assim como chamamos cristãos a todos [os baptizados], em virtude do único crisma, assim também chamamos sacerdotes a todos, porque são membros do único Sacerdote» [4]. O nosso Padre meditou muito sobre este dom tão grande, e animava-nos a todos a que tivéssemos os mesmos sentimentos de Cristo [5]. Por isso devemos reflectir: até que ponto me esforço por assimilar esta riqueza?

O chamamento universal à santidade e ao apostolado provém do carácter baptismal, como sua raiz. O sacerdócio comum precede o sacerdócio ministerial, e este fica ao serviço daquele. Sem o renascimento do Baptismo não poderia haver ministros sagrados, pois este sacramento abre a porta a todos os outros. E sem sacerdócio ministerial não poderíamos progredir no caminho da santidade, pois é através dele que a Igreja anuncia aos

homens a doutrina de Cristo e os incorpora à Sua vida com os sacramentos – especialmente com a Eucaristia – e os guia até ao Céu. «O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora essencialmente diferentes, e não apenas em grau, ordenam-se, contudo, um para o outro, pois ambos participam, cada um à sua maneira, do único sacerdócio de Cristo» [6].

O Santo Cura de Ars exprimia com clareza a necessidade do sacerdócio ministerial. E Bento XVI, na carta para o Ano sacerdotal, transcreve algumas expressões do santo: «Sem o sacerdote, dizia, a morte e a paixão de Nosso Senhor não serviriam de nada. O sacerdote continua a obra da redenção sobre a terra... De que nos serviria uma casa cheia de ouro se não houvesse ninguém que nos abrisse a porta? O sacerdote tem a chave dos tesouros do Céu: é ele

quem abre a porta, é ele o administrador do bom Deus, o administrador dos Seus bens... O sacerdote não é sacerdote para si mesmo, mas para vós» [7]. Como rezamos diariamente, com fé autêntica, para que não faltem sacerdotes santos? Como exigência da nossa condição de cristãos, suplicamos ao Dono da messe que envie trabalhadores para o Seu campo, em número suficiente para atenderem às abundantes necessidades do mundo inteiro?

Mas voltemos à liturgia de hoje, que sublinha o carácter sacerdotal do Povo de Deus. Numa visão impressionante, o Apocalipse mostranos uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos de vestes brancas, com palmas nas mãos. E clamavam em alta voz dizendo: a salvação ao nosso

Deus, que está sentado sobre o trono, e ao Cordeiro! [8]. Essa multidão de pessoas que se prostram em adoração diante da Santíssima Trindade, em união com os Anjos, são os santos: uns conhecidos, a maior parte desconhecidos. Aí se vê o Povo de Deus na sua etapa final, que compreende os santos do Antigo Testamento, desde o justo Abel e do fiel patriarca Abraão, os do Novo Testamento, os numerosos mártires do início do cristianismo e os beatos e santos dos séculos seguintes, até aos testemunhos de Cristo do nosso tempo. A todos os une a vontade de incarnar o Evangelho na sua vida, sob o impulso do eterno animador do Povo de Deus, que é o Espírito Santo [9].

Tanto o sacerdócio ministerial como o sacerdócio comum são para santificar os homens. Os ministros sagrados, configurados com Cristo,

Cabeça da Igreja, exercem-no pregando a Palavra de Deus, administrando os sacramentos e sendo pastores que guiam os fiéis até à vida eterna, como instrumentos visíveis do Sumo e Eterno Sacerdote. Mas também os leigos, pelo sacerdócio real, participam a seu modo nessa tripla missão de Cristo Sacerdote. S. Josemaria explicava que todos os cristãos, sem excepção, fomos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pe 2, 5), para realizar cada uma das nossas acções em espírito de obediência à vontade de Deus, perpetuando assim a missão do Deus-Homem [10].

Não é preciso nenhum encargo especial da autoridade da Igreja para sentirmos a urgência de participar na missão salvífica. **Apóstolo é o cristão que se sente inserido em**

Cristo, identificado com Cristo pelo Baptismo, habilitado a lutar por Cristo pela Confirmação, chamado a servir a Deus com a sua acção no mundo, pelo sacerdócio comum dos fiéis, que confere uma certa participação no sacerdócio de Cristo, a qual - sendo essencialmente diferente da que o sacerdócio ministerial confere - o torna capaz de participar no culto da Igreja e de ajudar os homens no seu caminho para Deus, com o testemunho da palavra e do exemplo, da oração e da expiação [11]. Detenhamo-nos com frequência a meditar no que significa esta missão do cristão, porque temos de ser portadores de Cristo à humanidade, e portadores da humanidade a Cristo.

No decorrer do Ano sacerdotal, além de pedirmos pela santidade dos sacerdotes, havemos de rezar pela santidade de todo o povo cristão. Se

houver famílias que educam os filhos no amor de Deus com o seu exemplo de vida cristã, se houver homens e mulheres que procuram seriamente Jesus Cristo nas circunstâncias da sua existência corrente, haverá muitos jovens que se sentirão chamados pelo Senhor ao sacerdócio ministerial. Nestes meses, oferece-senos uma nova oportunidade para todos tomarmos mais consciência da vocação universal à santidade e ao apostolado, e para nos esmerarmos em seguir decididamente este chamamento, sem mediocridades, sem nos deixarmos dominar pelos estados de ânimo. Como e até que ponto influem em nós o cansaço, as contradições, os fracassos? Perdemos com facilidade a paz e não nos refugiamos em Deus? Temos em consideração que a Cruz é fundamento e coroa da Igreja?

S. Josemaria recebeu luzes divinas especiais para ensinar como se pode

contribuir para a expansão do Reino de Deus através das actividades temporais. No próprio dia da sua passagem deste mundo, recordava a um grupo de mulheres, fiéis do Opus Dei, que, como todos os cristãos, também elas tinham alma sacerdotal. Muitos anos antes escrevera: tanto os sacerdotes como os leigos, havemos de ter, em tudo e sempre, alma verdadeiramente sacerdotal e mentalidade plenamente laical, para que possamos entender e exercer, na nossa vida pessoal, aquela liberdade de que gozamos na esfera da Igreja e nas coisas temporais, considerando-nos ao mesmo tempo cidadãos da cidade de Deus (cfr. Ef 2, 19) e da cidade dos homens [12].

A alma sacerdotal, insisto, leva os baptizados a terem os mesmos sentimentos de Cristo, com fome de se unirem a Ele em cada dia na Santa Missa, e ao longo do dia. O espírito

sacerdotal impulsiona-nos para crescer na santa ambição de servir, com dedicação sincera e concreta, pelo bem espiritual e material dos nossos semelhantes, anima a cultivar um sério empenho pelas almas, com veemente desejo de ser corredentores com Cristo, unidos à Virgem Santíssima e filialmente pegados ao Romano Pontífice, leva a que nos disponhamos a reparar pelos pecados, pelos próprios e pelos de todos os homens... Em suma, leva a amar a Deus e ao próximo sem nunca dizer basta no serviço da Igreja e das almas. S. Josemaria resumia assim esta ideia: com esta alma sacerdotal, que peço ao Senhor para todos vós, deveis procurar que, no meio das vossas ocupações habituais, a vossa vida inteira se converta num contínuo louvor a Deus: oração e reparação constantes, petição e sacrifício por todos os homens. E tudo isto em íntima e assídua união com Cristo

Jesus, no Santo Sacrifício do Altar [13].

Na Santa Missa, as nossas obras ganham valor de eternidade. Nesses momentos, com vigorosa intensidade, o cristão torna-se plenamente consciente do seu compromisso de colaborar com Jesus na santificação das realidades humanas, mediante o oferecimento da sua vida e de toda a sua actividade. «Altare Dei est cor nostrum» [14], dizia S. Gregório Magno, altar de Deus é o nosso coração. Havemos de O servir não só no altar mas no mundo inteiro, que é altar para nós. Todas as obras dos homens se fazem como que num altar, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é o vosso dia, diz de algum modo a sua missa, que dura vinte e quatro horas, à espera da missa seguinte, que durará outras vinte e quatro horas, e assim até ao fim da nossa vida [15].

Além disso, todos os fiéis, como manifestação da sua participação no ministério profético de Jesus Cristo, devem esforçar-se por comunicar a outros os ensinamentos divinos. Há certamente muitas formas de participar na missão evangelizadora da Igreja, mas na base de qualquer actividade apostólica, está sempre o mandato de Jesus a todos os cristãos: ide, pois, fazei discípulos de todos os povos (...) ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado [16].

Assim também, a participação na missão real de Cristo anima os cristãos a santificar as realidades terrenas: os leigos, em concreto, com o seu esforço por ordenar os assuntos temporais conforme a Vontade de Deus [17], actuando no mundo a modo de fermento [18], para pôr Cristo no cume de todas as

suas actividades. «O sacerdócio comum que recebemos no Baptismo – explicava D. Álvaro, seguindo a doutrina de S. Josemaria – é *real*, régio (cfr. 1 *Pe* 2, 9), porque ao oferecer a Deus o que somos e temos, e ao oferecer-Lhe todas as actividades humanas nobres realizadas segundo o querer divino, somos reino de Cristo e reinamos com Ele» [19].

Como parte da missão específica que Deus lhe tinha confiado, S. Josemaria ensinou que uma característica essencial do modo de tornar presente o sacerdócio de Cristo segundo o espírito do Opus Dei, tanto pela parte dos ministros sagrados como dos fiéis leigos, é a mentalidade laical própria da sua condição secular e da sua situação no mundo. Assim, sacerdotes e leigos hão-de colaborar no cumprimento da única missão da Igreja, cada um conforme os dons recebidos, respeitando a situação

específica de cada qual. Os leigos exercem a sua missão no seio das estruturas temporais, procurando animá-las do espírito de Cristo. Os sacerdotes servem os outros com a pregação da Palavra divina e a administração dos sacramentos. Isto ajuda, como S. Josemaria escreve, a que os clérigos não atropelem os leigos nem os leigos os clérigos, que não haja clérigos a intrometer-se nos assuntos dos leigos, nem leigos a intrometer-se no que é próprio dos clérigos [20].

No próximo dia 28 de Novembro celebramos a erecção do Opus Dei como prelatura pessoal. Demos graças a Deus e esforcemo-nos por difundir o profundo significado teológico e espiritual da cooperação orgânica de sacerdotes e leigos no Opus Dei, para participar na missão da Igreja, sobretudo com uma vida cristã coerente, permanecendo cada um, como diz o Apóstolo, *na condição*

em que se encontrava quando foi chamado [21], sendo sacerdotes ou leigos a cem por cento. Assim serviremos a Igreja com eficácia, como sempre procurámos fazer. Com mais razão agora, quando muitos confundem o laicismo – que tenta expulsar Deus das estruturas seculares – com a laicidade. E fomentaremos o santo espírito laical, a que o Romano Pontífice se tem referido em diversas alturas [22].

Dentro de dias, a 7 de Novembro, vou ordenar diáconos 32 fiéis do Opus Dei. Roguemos ao Senhor que sejam bons e santos ministros seus, e prossigamos na oração pela Pessoa e intenções do Romano Pontífice, pelos seus colaboradores, pelos sacerdotes e diáconos, pelos candidatos ao sacerdócio no mundo inteiro. Recordaremos também o dia em que a Virgem Maria fez ao nosso Padre a carícia de encontrar a "rosa" em Rialp: recorramos à nossa Mãe

Santíssima, para que nos consiga de Deus a "rosa" perfumada da fidelidade. Contamos também com a ajuda de todos os que nos precederam. Ao longo das semanas deste mês, tornemos mais forte a unidade da Igreja triunfante, purgante e militante, com a nossa oração e os nossos sufrágios.

Com todo o afecto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de Novembro de 2009

[1] Missal Romano, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, *Prefácio*.

[2] Cfr. 1 Cor 15, 24.

[3] 1 Pe 2, 9-10.

[4] S. Agostinho, *A Cidade de Deus*, XX, 10 (CCL 48, 720).

- [5] Cfr. Fl 2, 5.
- [6] Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 10.
- [7] S. João Maria Vianney, cit. por Bento XVI em *Carta aos sacerdotes*, 16-VI-2009.
- [8] *Ap* 7, 9-10.
- [9] Bento XVI, Homilia na solenidade de Todos os Santos, 1-XI-2006.
- [10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 96.
- [11] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120.
- [12] S. Josemaria, *Carta 2-II-1945*, n. 1.
- [13] S. Josemaria, *Carta 28-III-1955*, n. 4.
- [14] S. Gregorio Magno, *Moralia* 25, 7, 15 (PL 76, 328).

[15] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 19-III-1968.

[16] *Mt* 28, 19-20.

[17] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 31.

[18] Cfr. Concílio Vaticano II, Decr. *Apostolicam actuositatem*, n. 2.

[19] D. Álvaro del Portillo, *Carta pastoral*, 9-I-1993, n. 11.

[20] S. Josemaria, *Carta 19-III-1954*, n. 21.

[21] 1 Cor 7, 20.

[22] Cfr. Bento XVI, Discursos dos dias 18-V-2006 e 11-V-2007.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/article/carta-doprelado-novembro-2009/ (28/10/2025)